

A midiaticização sócio-técnica das produções artístico-educativas na escola: por uma perspectiva semiótica-discursiva no ensino das Artes

Federico Buján¹
Mirele Brant²

Resumo

Após a pandemia, o uso de dispositivos para produção de trabalhos de arte se intensificou e a escola passou a adotar cada vez mais recursos tecnológicos como estratégia de ensino. O fato dos jovens serem produtores na cultura digital em uma sociedade midiaticizada, tornou incompatível o modelo escolar atual, gerando uma crise da qual se torna necessário repensarmos as práticas de gestão das aulas. A Arte Educação pode se apoiar nas pesquisas da Semiótica afim de problematizar e oferecer leituras de imagens mais condizentes com a realidade cotidiana dos alunos e com os atuais fenômenos midiáticos. Temos como aporte teórico, pesquisadores como Santaella (1996), Verón (1987, 2013, 2014) e Sibilia (2012), que nos apontam caminhos e fomentam debates em torno da importância de um desenvolvimento crítico a respeito dos efeitos da linguagem e dos discursos midiáticos, impactando especialmente na formação juvenil escolar.

Palavras-chave

Arte Educação; Semiótica; Dispositivos; Midiaticização; Pandemia

Recebido em: 09/02/2024
Aprovado em: 29/06/2024

¹ Doutor em Humanidades e Artes pela Universidad Nacional de Rosario (UNR, Argentina). Pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado CONICET. Atualmente atua como professor titular na Faculdade de Humanidades e Artes da Universidad Nacional de Rosario (UNR), professor responsável de cátedra na Universidad Nacional de las Artes (UNA) e professor responsável de cátedra no Departamento de Ciências Sociais da Universidad de San Andrés (UdeSA).

E-mail: fbujan@gmail.com

² Doutoranda em Estudos de Linguagens no Programa de Pós-Graduação (POSLING) do Cefet – MG, na linha Discurso, Mídia e Tecnologia, com período sanduíche na Universidade Nacional de las Artes (UNA) em Buenos Aires. Mestre em Educação pela UNB – Brasília, na linha de pesquisa ETEC (Educação, Tecnologia e Comunicação). Pós-Graduada em Ensino e Pesquisa em Arte e Cultura pela Escola Guignard – UEMG, Graduada em Artes Plásticas e Educação Artística pela Escola Guignard – UEMG.

E-mail: mirelebrant@yahoo.com.br

The socio-technical mediatization of artistic-educational productions at school: for a semiotic-discursive perspective in Arts teaching

Abstract

After the pandemic, the use of devices to produce artwork intensified and schools began to increasingly adopt technological resources as a teaching strategy. The fact that young people are producers of digital culture in a mediatized society has made the current school model incompatible, creating a crisis that makes it necessary to rethink class management practices. Art Education can rely on Semiotics research in order to problematize and offer readings of images that are more in line with the daily reality of students and current media phenomena. We have as theoretical support researchers such as Santaella (1996), Verón (1987, 2013, 2014) and Sibilía (2012), who point out paths and encourage debates around the importance of critical development regarding the effects of language and media discourses, impacting especially on youth school education.

Keywords

Art Education; Semiotics; Devices; Mediatization; Pandemic

Introdução

O artigo aborda o contexto de surgimento de novas práticas artísticas produzidas por alunos, marcadas por uma linguagem midiática e realizadas por meio de dispositivos virtuais como recursos tecnológicos de produção visual. Este processo, que se intensificou após a pandemia em 2020, reflete uma sociedade cada vez mais midiaticizada, desafiando os modos de exigências da escola e colocando em questão problemáticas que questionam o papel desta instituição atualmente.

Para compreendermos nossa experiência enquanto fenômeno midiático, é preciso considerarmos criticamente a juventude como projeto de sociedade. Os recursos atuais encontrados em programas e aplicativos com ferramentas fáceis e rápidas, tornaram os jovens produtores ativos de criação de arte. Nestas produções, observamos cada vez mais a presença de signos midiáticos como fonte de construção de imaginários sociodiscursivos.

É preciso analisarmos estas produções, sendo a Arte Educação uma área que deve considerar os efeitos sociais de tais práticas para expandir os modos de gerenciamento das aulas. A cultura digital é um lugar de referência cotidiana para os alunos, sobrepondo-se às manifestações das Belas Artes, ao aborda-la, reconstruímos os conteúdos tradicionais do ensino de Artes. Como apoio teórico, temos o enfoque semiótico contribuindo nas reflexões sobre as discursividades artísticas juvenis produzidas mediante a influência dos discursos midiáticos contemporâneos.

A nossa capacidade semiótica se expressa, entre outras manifestações, na produção do que Verón (2014) chama de fenômenos midiáticos, consistindo na exteriorização dos processos mentais em forma de dispositivos materiais. A noção de dispositivo não se limita à dimensão técnica, mas sim de um certo funcionamento das linguagens e dos aparelhos. Traversa (2001) nos indica como designação de dispositivo, a entidade encarregada de articular e administrar o contato entre os atores sociais e as configurações próprias da discursividade social, comportando uma dimensão técnica e uma dimensão social.

As propriedades materiais do discurso, produto de operações técnicas, possui de acordo com Verón (2013) dois aspectos cruciais: a autonomização da mensagem e sua persistência no tempo. O fenômeno midiático passa a existir a partir do momento em que os signos criados possuem em alguma medida estas propriedades em relação a fonte de produção quanto ao destino.

A midiaticização seria, portanto, a sequência de fenômenos midiáticos históricos que resultaram em determinadas materializações obtidas por procedimentos técnicos, como as produções artísticas escolares utilizando dispositivos digitais. Estes trabalhos representam um processo de midiaticização atual que é parte de um desenvolvimento da comunicação humana iniciado com os grafismos, o surgimento da escrita e, posteriormente, com os demais meios da modernidade. Os fenômenos midiáticos são, segundo Verón (2013), “...um atributo evolutivo da nossa espécie” (Verón, 2013, p. 147).

A crise escolar diante da midiaticização das práticas sociais

Devido ao contexto pandêmico vivido em 2020, a sociedade contemporânea se tornou ainda mais marcada pela comunicação, sobretudo, a linguagem das mídias. Com o fechamento das instituições educativas e a suspensão presencial das aulas, os colégios precisaram se adaptar rapidamente ao ensino à distância, sendo obrigados a implementarem iniciativas que garantissem sua continuidade. Nessa direção, foram necessárias plataformas de comunicação síncrona como *Zoom*, *Meet* ou *Teams*, incorporando sistemas digitais e entornos virtuais em escala institucional, que operaram como dispositivos orientados ao desenvolvimento das práticas educativas.

Antes da pandemia os recursos tecnológicos eram usados como ferramentas extras de aprendizagem, sem colocar em questão as estratégias de ensino. Mas, durante a pandemia, estes dispositivos se tornaram os únicos meios para o desenvolvimento da comunicação pedagógica. As paredes da sala de aula foram substituídas pelas redes de comunicação, como já indicava Sibilia em 2012.

Nossas práticas educativas cotidianas pós-pandemia foram impactadas por essas novas condições de trabalho. Os colégios buscam agora aumentar o engajamento

dos alunos com a gamificação do ensino, criando estratégias de ensino através de jogos como *Kahoot*, em uma tentativa de torná-lo mais atrativo e menos extenuante. O computador foi inserido como ferramenta do professor na sala de aula e impedir o uso dos celulares pelos alunos se tornou quase impossível.

Foi necessária uma pandemia para que a sociedade tomasse consciência das possibilidades e desafios que os dispositivos tecnológicos possuem no contexto educativo? Cabe observarmos se nesta nova concepção de ensino se manterá a reprodução da lógica da internet, que para Volnovich (2023), seria um “...modelo de conhecimento e aprendizagem que mantém a transmissão de conteúdos e técnicas através de tutoriais passo a passo ou enlatados de informação” (Volnovich, 2013, p. 136).

Isto fez tornar visível, de acordo com Volnovich (2023), do impacto que a revolução digital tem nas relações sociais, na configuração da subjetividade, na organização do saber e na criação de novos imaginários.

En ese sentido, nos obligó a pensar críticamente la actual tendencia hegemónica a la virtualización de la educación y su vínculo ineludible con la economía digital, más allá de la eficacia de la coyuntura que los recursos tecnológicos tuvieron en el contexto de la Pandemia (Volnovich, 2013, p. 133).

Ela questiona que tipo de dispositivos são estas novas interfaces digitais e que regulações de práticas instalam, além de questionar como configuram as interações, criando modos de ver e legitimando sistemas de saber. “Es decir qué sujetos, relaciones, saberes y poderes se crean y circulan en estos dispositivos” (Volnovich, 2013, p. 134).

As reflexões de Sibilia (2012), referente à crise vivenciada no ensino a partir das novas tecnologias de comunicação, sobretudo, os celulares, detecta e problematiza os fatores que geram a incompatibilidade dos modos de ser atuais com as metodologias escolares. Para ela, os corpos e as subjetividades para as quais a escola foi criada no momento de sua invenção e durante sua gradual solidificação não são mais condizentes com a segunda década do século XXI. É detectável que os dispositivos eletrônicos são abraçados pelos jovens de forma visceral em um processo veloz de adaptação subjetiva e corporal em relação aos

novos ritmos, se constituindo uma experiência midiática pelo fato de terem se tornado espectadores de vídeos.

Ela afirma que a lógica informacional impregnou o cotidiano e redefiniu o real e que diante desta sociedade espetacular e hiperconectada, a escola se vê sufocada ante o avanço do audiovisual, se tornando algo terrivelmente aborrecido no qual os alunos devem se submeter todos os dias em contato com rigorosas regras.

O modo de vida contemporânea do usuário midiático de busca incessante pela diversão, entra em colisão com as exigências do dispositivo escolar. Sibilia (2012) reconhece que os meios audiovisuais solicitam outras disposições corporais e subjetividades, bem diferentes das que são postas em prática pela leitura e a escrita na escola. As figuras midiáticas dos jovens hoje subvertem o dispositivo pedagógico tornando-o anacrônico. Ela alerta que a forma como se organizou a sociedade moderna a partir da família, da escola, da fábrica, do exército e da prisão, possui uma base que está sendo dissolvida no contato com as lógicas do consumo, dos meios de comunicação e do espírito empresarial como modelo de instituição.

Por tudo isso, Sibilia (2012) percebe que, no discurso hegemônico, a escola não teria saída a não ser competindo para capturar a atenção de seus ‘clientes’ em potencial, transmutando o colégio em uma empresa que vende serviços. Indica criticamente que essa é a lógica que está tentando se instalar: a lógica neoliberal no âmbito educativo, que termina dirigindo à mercantilização da educação. Nessa direção, se apresenta como uma busca pelo aumento do rendimento e do custo-benefício. Mas, nesse contexto, cabe perguntarmos acerca de qual seria agora o papel da escola? O que significa educar quando as subjetividades são de consumidores em plena era midiática? Que configurações do saber e que modos de subjetivação e produção de conhecimento estão propiciando as estratégias dos dispositivos tecnológicos?

Os jovens como consumidores e produtores midiáticos

Nos últimos anos, a partir das tecnologias digitais e da internet, as estratégias centraram-se na apropriação de recursos do entretenimento e da interatividade,

ênfatizando a conectividade, a participação e a sociabilização. A construção das narrativas midiáticas e publicitárias são elaboradas, para Rocha e Pereira (2014), por meio dos valores da cultura juvenil. Essa representação enquanto sociedade, reflete o espírito do nosso tempo, tornando evidente nossas práticas sociais.

Alguns valores sociais a partir da valorização do imaginário do “ser jovem”, foram facilitados com o uso das novas tecnologias, como os *gadgets*. Os celulares armazenam nosso estilo de vida com as fotografias e vídeos que fazemos e recebemos, músicas que ouvimos, mensagens que trocamos e redes sociais que utilizamos. O público dos jovens conectados todo o tempo é um dos mais promissores.

Esses aparelhos de uso individual, que habilitam múltiplos dispositivos discursivos, contribuem para a construção da nossa identidade, privacidade e intimidade. Além do caráter utilitário que envolve a troca de informação, eles propiciam um caráter que é simbólico. Os celulares favorecem a experiência juvenil, pois, segundo Rocha e Pereira (2014) “através de seus usos sociais estimula a prática da sociabilidade, agregando e convergindo para alguns valores centrais da juventude como a fragmentação, ambivalência, afetividade, autenticidade, gregarismo e questionamento” (Rocha e Pereira, 2014, p. 24).

Sibilia (2012) aponta que os recursos atuais tornam os jovens não só consumidores, mas também produtores e editores. As novas tecnologias simplificam a apropriação, o arquivamento, a produção e a distribuição de produções amadoras a partir de demandas próprias de cada grupo de sujeitos. Encontramos nos recursos midiáticos um espaço para experimentação, principalmente, a partir do conteúdo da mídia de massa.

Hoje, o computador e o celular se tornaram fonte diversa de gêneros de atividades, inclusive, ferramenta de criação de arte por adolescentes. Eles têm à disposição diferentes programas e aplicativos que permitem a criação de imagens de forma fácil e rápida. O que esses aparelhos fazem é retirar imagens da realidade e retornar essas imagens como signos, proliferando-os.

Quando utilizam os celulares para criação de imagens, participam de um processo de comunicação com a máquina que Santaella (1996) descreve como um

“...processo de interação intuitivo, metafórico e sensório-motor em agenciamentos informáticos amáveis, imbricados e integrados aos sistemas de sensibilidade e cognição humana” (Santaella, 1996, p. 204).

No processo educacional de criação atual, temos sujeitos que ainda se expressam por meio de representações metafóricas e com os materiais tradicionais, mas que também se expressam através de produções digitais com apropriações de signos midiáticos de séries, filmes, músicas, marcas, redes sociais e *emojis*.

Precisamos analisar estas produções e nos perguntar; o que é captado e tornado visível por eles? O que é captado produz qual efeito? Qual o modo de representação? Os jovens estão construindo suas identificações com quais discursos e imaginários? Estão afirmando seu pertencimento de quem são e do que fazem parte? Quais representações sociais estão sendo afirmadas? Por meio de quais suportes?

A cultura digital e a Arte Educação

Santaella (1996) constata que a experiência proporcionada pelos *gadgets* demonstra que a revolução eletrônica que conectou as telecomunicações ao computador e depois ao celular, está acontecendo agora em nossos cérebros. Como nele já operam processos de comunicação autônomos, não existiria uma separação clara entre os signos, a linguagem e a consciência, pois a consciência mesma, além do seu substrato biológico de base, opera significativamente no decurso da semiose.

Esse tipo de transformação de ordem psíquica desafia nossa percepção da realidade e por isso não pode ser negligenciada. A Arte Educação, em especial, precisa considerar os efeitos sociais da proliferação de signos midiáticos, além disso, a incorporação de dispositivos virtuais nas práticas educativas nos coloca em contato com diferentes discursividades que ampliam e expandem nossos modos de gerir as aulas. Cabe pensarmos como participam os relatos e as construções da narrativização dos alunos.

A cultura digital é um lugar comum, cotidiano e de referência em relação às manifestações artísticas, abrangendo os meios de comunicação, os entornos digitais e as redes sociais. A Arte Educação não deve ser reducionista ao recusar as produções culturais sem intencionalidade artística, ao contrário, deve recuperar e considerar as manifestações visuais presentes no cotidiano e nas discursividades mediáticas, e isso implica o conjunto dos territórios digitais. Analisando-as trazemos para a escola a realidade visual dos estudantes.

Nos estudos dos anos 90, teóricos como Pillar (1999), já apontavam a necessidade de incluir o tema das mídias na escola ao realizar análises de desenhos animados visando discutir com as crianças o que elas viam na televisão. Na contemporaneidade temos como proposta de ensino a Educação da Cultura Visual. Cultura visual é usado atualmente para designar o mundo das imagens que influenciam o indivíduo, sua forma de pensar e de viver, indo além das categorias da história da arte. Para Martins (2011), a Cultura Visual é uma forma de discurso, que se interessa pela produção artística do passado, mas, concentra-se especialmente nos fenômenos visuais atuais, se estendendo ao que consumimos.

Ensinar a Cultura Visual pressupõe, desconstruir o conjunto de conteúdos cristalizados ao redor do que tradicionalmente se designou como ensino de Artes. Nesta prática, existe um forte compromisso com as mudanças no presente, mais do que adquirir um conhecimento enciclopédico de nomes, obras e movimentos artísticos. Isso significa que não só as obras de arte, mas também as imagens na sua dimensão midiática, podem constituir-se material didático-pedagógico.

Nesta era massiva de imagens o âmbito da Arte Educação tem a Semiótica como método de apoio para análise e reflexão. Nessa perspectiva existe uma ênfase nos modos como os sistemas são processados para produzirem sentido. A partir da compreensão de Verón (1987) de que Comunicação e Semiótica partilham uma zona de interseção constituída pelas preocupações com a produção social de sentido e a construção da realidade, as diferentes formas de circulação da atual sociedade mediatizada apontam a necessidade de pesquisas com interface de ambas.

Os fenômenos midiáticos que englobam a midiaticização contemporânea (Verón, 2013), têm alterado as formas sociais de contato e de acesso à discursividade, reconfigurando a natureza dos vínculos na sociedade e, por tanto, também na escola. Nesse sentido, o processo crescente do campo midiático se manifesta para Fausto Neto (2008) em um novo lugar pedagógico-interpretativo, cuja lógica ultrapassa as fronteiras de suas práticas e migram para outras, como a Arte Educação.

Considerações Finais

As novas formas de produção artística escolar apontam a necessidade de pesquisas de interface entre Comunicação, Semiótica e Arte Educação. A midiaticização contemporânea passou a constituir uma dimensão importante no modo de ser e produzir dos alunos. Nesse sentido, a cultura midiática torna-se um complexo conjunto discursivo midiaticizado por múltiplos dispositivos (Traversa, 2001) cujas estratégias comunicacionais constituem objetos de estudo de central interesse para o campo da Arte Educação, permitindo indagar sobre os processos de significação que habilitam os discursos estéticos-artísticos e seus modos de instalação social.

Acreditamos que a análise dos imaginários sóciodiscursivos juvenis deve ser discutida, pois, é a partir deles que os jovens estão construindo seus ideais e sentidos em relação a si mesmos, aos seus pares e à sociedade em que vivem hoje. Assim também, é preciso formar docentes para a adoção de linguagens e recursos tecnológicos adequados aos propósitos e necessidades de suas práticas pedagógicas, para enfrentarmos criticamente o processo de midiaticização que vivemos. O campo das Artes ocupa um papel de grande importância neste sentido, permitindo aproximações e indagações acerca do lugar e da relevância do ensino das Artes na escola.

Pesquisas com o enfoque semiótico no ensino de Artes, priorizando as discursividades artísticas juvenis em contraponto com os discursos midiáticos contemporâneos, permitem desenvolver uma reflexão crítica acerca das subjetividades dos sujeitos envolvidos. Ademais, além de proporem novas leituras de imagens, fomentam debates em torno da importância de uma

educação juvenil que inclua as mídias e os discursos mediáticos como parte do escopo da cultura visual como objeto de estudo.

Finalmente, a maior contribuição, nesse sentido, se daria na adoção de uma perspectiva semiótico-discursiva como fundamento pedagógico crítico e analítico para compreender os processos de produção de sentido que operam a partir dos discursos artísticos e mediáticos, assim como também sua incidência no imaginário dos alunos e na produção artístico-educativas desenvolvida na sala de aula.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001."

Referências

- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *Matrizes*, São Paulo: n. 2, p.89-105, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194> Acesso em: 10 jan. 2024
- MARTINS, R; TOURINHO, I. *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: UFSM, 2011.
- PILLAR, A. D. *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999.
- ROCHA, E; PEREIRA, C. Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens. In: ROCHA, E; PEREIRA, C. (org). *Cultura e experiência midiática*. PUC-Rio, Rio de Janeiro: v. 1 p. 15-37, 2014.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- TRAVERSA, Oscar. Aproximaciones a la noción de dispositivo. *Signo y Seña*. n. 12, Buenos Aires: p. 231 - 247, 2001. DOI: <https://doi.org/10.34096/sys.n12.5612> Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/5612> Acesso em: 15 jan. 2024
- VERÓN, E. *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Gedisa, 1987.

VERÓN, E. *La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, E. Teoria da Mídia: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo: n.1, p. 13-19, 2014.

VOLNOVICH, Y. Asedios y resistencias: algunas perspectivas para pensar la cultura digital desde la educación artística. In: Augustowsky, G [et al.] *Territorios de la educación artística en diálogo*, Buenos Aires: UNA, 2023. *E-book*.

Disponível em: https://formaciondocente.una.edu.ar/noticias/se-lanza-el-libro-territorios-de-la-educacion-artistica-en-dialogo_40418 Acesso em: 19 jan. 2024